



---

O Jornal de Poesia traz, através da *BIBLIOTECA CURURU*, esta edição fac-similar de um livro completamente esgotado: *A VERDADEIRA ESTÓRIA DE JESUS*, do poeta W J Solha. Contato com o autor: [wjsolha@superig.com.br](mailto:wjsolha@superig.com.br) O tema da *FÉ* é visitado nestes arquivos (sem esquecer o *RELATO DE PRÓCULA*, também de W J Solha, que pode ser adquirido nas boas casas do ramo):

- *NO CREDO*, de Djalmar Sttugen
- *OLHA, TOMÉ, O TEU PÁSSARO FOI-SE EMBORA*, sobre um fragmento de O Evangelho Segundo Jesus Cristo, de Saramago
- *PENÚLTIMO CANTO, VARIAÇÃO Nº 1, A DÚVIDA*, obre a inquietante pergunta de Pôncio Pilatos
- *TALVEZ OUTRO SALMO*, em torno de O Sermão da Montanha *versus* Eneagrama
- *O QUE É A VERDADE?* Uma viagem em torno da Teoria Tridimensional do Direito, de Miguel Reale. Os tempos: (i) jurídico, (ii) histórico e (iii) mitológico respondem, parece, a indagação do Procurador.

Bom proveito ao livro de W J Solha!

SF, o editor





**CAPA**  
Wanduir Durant  
e Ary Normanha  
**DIAGRAMAÇÃO**  
Antônio do Amaral Rocha  
**ARTE FINAL**  
Antônio do Amaral Rocha  
e René Etienne Ardanuy  
**REVISÃO**  
Marina Appenzeller  
e Carmen Lúcia da Silva Campos

FUNDAÇÃO CASA DE JOSÉ AMÉRICO  
BIBLIOTECA  
N.º REGISTRO: 5397  
DATA: 01/06/83

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte  
Câmara Brasileira do Livro, SP

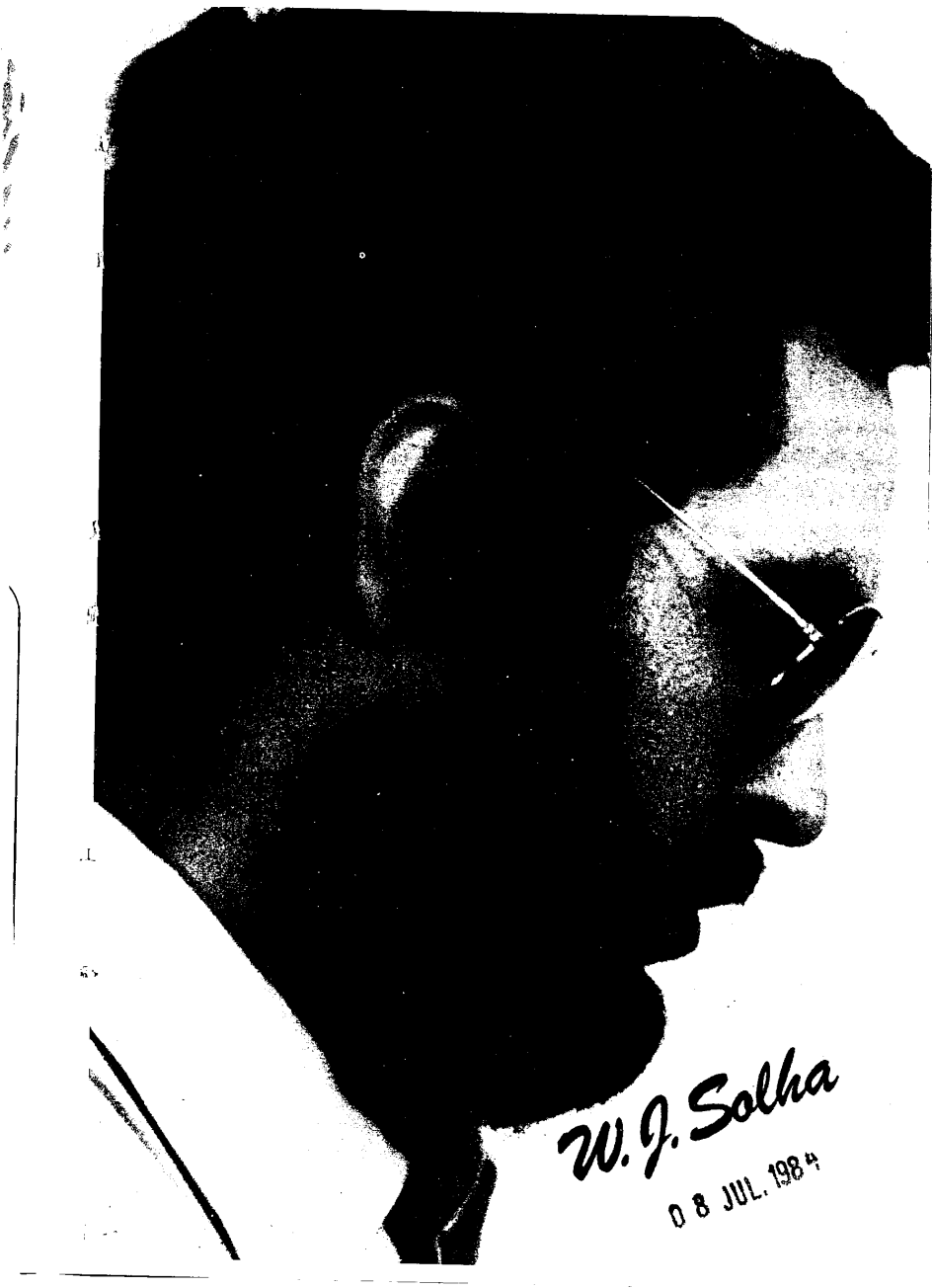
S672v Solha, Valdemar José, 1941-  
A verdadeira estória de Jesus / W. J. Solha.  
— São Paulo: Ática, 1979.  
(Coleção de autores brasileiros; 47)  
1. Ficção brasileira I. Título.  
79-1543 CDD—869.935

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Século 20: Literatura brasileira 869.935
2. Século 20: Ficção: Literatura brasileira 869.935

1979

*todos os direitos reservados*  
editora ática s.a./rua barão de iguape, 110  
telefone: pbx 278-9322 (50 ramais)/caixa postal 8656/end. telegráfico  
"bomlivro"/são paulo.



*W. J. Solha*  
0 8 JUL. 1984

## O AUTOR

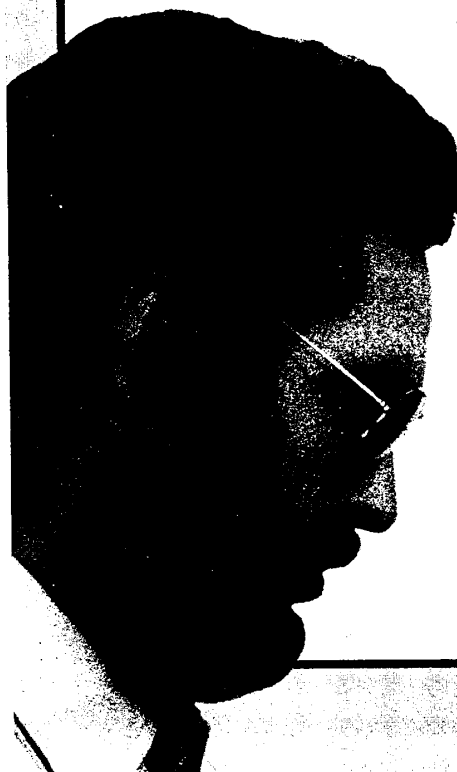
- Nasce em 14-5-41, em Sorocaba, São Paulo.

- Renasce em 4-6-62 em Pombal, na Paraíba.

- Em 65 fica entre os finalistas do Prêmio Air France de Pintura com o quadro A Criação da Mulher. (Acabara de se casar.) Tem uma série de sonhos estranhos envolvendo a figura de Cristo e dela faz seus primeiros textos literários.

- Em 68 escreve numa noite a peça O Vermelho e o Branco, sobre a morte do estudante Edson Luís, no Rio. A peça é severamente proibida pela censura, "por ferir a dignidade da pátria e ser capaz de sublevar os ânimos da juventude".

- Em 69, acompanhando José Bezerra Filho, produz, com o povo de Pombal, o primeiro longa-metragem ficção da Paraíba, O Salário da Morte, no qual faz o papel de um pistoleiro do Sindicato do Crime. Seis meses antes passara um mês esperando por Antonio Letreiro, pistoleiro de verdade, que fora pago para lhe matar. Com o filme, perde tudo que tem e o que não tem. Deixa a subgerência do Banco do Brasil e transfere-se para João Pessoa.



*Em 71 completa 30 anos se apavora: tem de fazer um abalho sério. Tranca-se por dois anos e meio e escreve romance Israel Rêmora, prêmio Fernando Chinaglia 74, ditado pela Record, do Rio, em 75 e excepcionalmente em recebido pela crítica, que considera "revolucionário dentro da moderna literatura brasileira".*

● *Em 74 escreve A Canga (Uma Estória para Sam Peckinpah), Menção Especial Fernando Chinaglia 74, 2.º lugar Prêmio Caixa Econômica de Goiás 75, sendo editado agora pela Editora Moderna, de São Paulo.*

● *Em 75 inicia A Verdadeira Estória de Jesus, que é interrompida para as filmagens de Soledade, dirigido por Paulo Thiago, no qual faz o papel de delegado, e de Fogo Morto, dirigido por Marcos Farias, em que interpreta o demoníaco Tenente Maurício, perseguidor de Antônio Silvino.*

● *Em 78 escreve Análise, ainda inédito, e a peça A Batalha entre Oliveiros e Ferrabrás. Escreve vários contos e reportagens.*

● *Em 79 escreve o texto da Cantata pra Alagamar, com música de José Alberto Kaplan, que está sendo editada pela Editora Novas Metas, de São Paulo e gravada pela Marcus Pereira, para lançamento nacional.*

## OBRAS

ISRAEL RÊMORA (romance)  
Prêmio Fernando Chinaglia 1974  
Editora Record, Rio de Janeiro, 1975

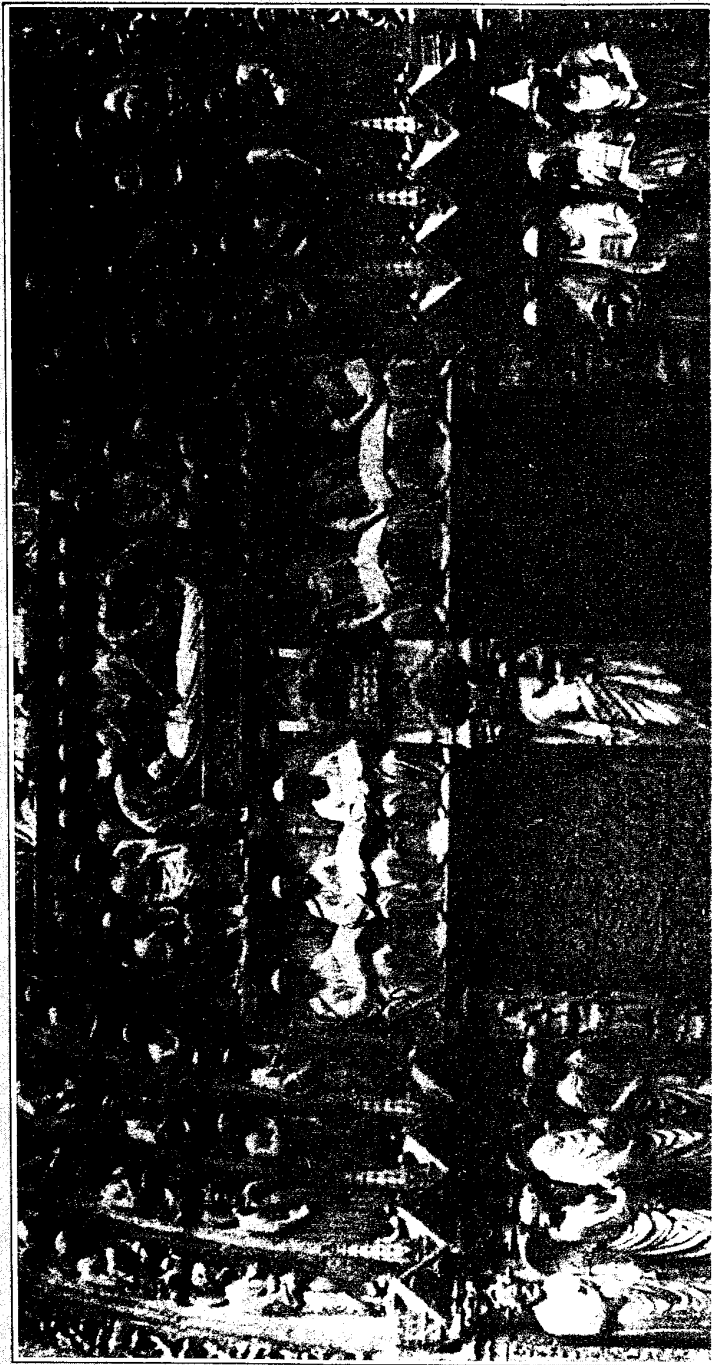
A CANGA  
(Uma estória para Sam Peckinpah)  
(romance)  
Menção Especial  
Fernando Chinaglia 1974  
Editora Moderna, São Paulo, 1979

CANTATA PRA ALAGAMAR (cantata)  
Música de José Alberto Kaplan  
Editora Novas Metas, São Paulo, 1979  
Gravação de Marcus Pereira, 1979 -

*W. J. Solha*  
**A VERDADEIRA  
ESTÓRIA DE Jesus**









Notre-Dame de Paris, Portail de la Vierge (détail).

à un culte astral le personnage de la Vierge Marie? Pourtant l'auteur de *l'Origine des cultes* introduit la Vierge dans le symbolisme astral primitif de la fête de Noël. Il existe, en effet, une constellation de la Vierge. Or cette constellation, qui naît en septembre, préside à minuit le 25 décembre à la naissance du Christ ou semble l'enfanter et se trouve réunie à lui et éclipsee dans sa gloire au milieu d'août ».

Le Moyen âge parisien, si éclectique et syncrétiste, tout comme l'Antiquité s'était risqué à faire cette assimilation de la Vierge Marie à la Vierge Céleste. Un théologien, saint Albert le Grand (mais ce texte médiéval est-il bien attribuable à ce riche auquel on prête beaucoup) a dit : « Nous savons que le signe de la Vierge Céleste montant sur l'horizon au moment où nous fixons la naissance de Notre Seigneur Jésus-Christ... Tous les *infirmes de son incarnation divine... se trouvent tracés*

*dans les constellations, et figurés dans les étoiles qui les ont annoncés ».* A cette époque on taillait dans la pierre pour la façade nord du grand portail de Notre-Dame de Paris une image de Notre-Dame entourée des symboles astronomiques convenables à la constellation de la Vierge : toutes les constellations du Zodiaque sont représentées par leurs symboles habituels sauf la constellation de la Vierge... à laquelle correspond... la Vierge Marie avec Jésus dans ses bras... Dupuis l'a remarqué.

Il y a plus : le pilier représente un homme d'abord nu, puis vêtu d'un pagne, puis avec une tunique, puis avec un manteau, puis avec une charge de bois. C'est tout un calendrier-révisant à la manière des calendriers d'Isis... Un esprit disert, Henri Bidou, est allé voir la Vierge du portail. Il l'a décrite dans le *Temps* du 15 mars 1933.

M.-M. GORCE

**1** O velho Mateus se moveu furioso nas sombras do cenário do teatro grego e ressurgiu envolto em panos vermelhos, seus cabelos brancos formando um halo contra o clarão do iminente alvorecer:

— Mas Lucas: você está querendo me convencer de que uma fábula baseada na viagem do sol pelo Zodíaco... possa resolver os nossos problemas concretos até dizer basta?! Ora, sinceramente!: eu vou dizer logo, para lhe evitar uma decepção maior, mais tarde: na minha opinião isso é absolutamente impossível. E quanto a fazer o povo acreditar nessas coisas, francamente: não acho honesto.

O punho de bronze da muleta de João brilhou, exposto à luz. Em seguida ele próprio, louro e de olhos azuis, saiu da sombra:

— Os fins justificam os meios, Mateus. Platão dizia que se deve usar os mitos para a educação da juventude.

— Platão dizia.

— Sim, dizia.

Então, para surpresa dos outros (aquele homem era doido!), Mateus avançou barroco, as mãos espalmadas se agitando, a roupa vermelha se desenrolando, o rosto se descarregando neles:

— Mas vocês não compreenderam ainda? — berrou — Eu quero saber: *e nós?* — ficou curvo, batendo no peito as pontas duras de todos os dedos — e *a nossa* angústia? Que é que vamos fazer, pelo amor de Deus, que é que nós vamos fazer *do nosso* desespero? Hein? Eu vim aqui principalmente porque *eu* estou angustiado e desesperado, e não por causa do povo. Isto é: claro que por causa do povo, mas como vou salvar os outros, se eu mesmo não estiver salvo?

Calou-se, desmanchando aos repelões o último gesto. Depois desabonou com a cabeça:

— Ora, Lucas: confesso que esperava algo de mais sólido, quando recebi o seu chamado dizendo maravilhas de João e Marcos. Para mim eram dois líderes: “será que João se libertou da muleta e agora vai nos libertar de Roma; Será que Marcos...” Diabo, rapaz! — enfureceu-se com o

romano, que também se levantou, surgindo à luz com o rosto pintado com tintas de cores vivas — Por que é que você não começa a operação de salvamento da humanidade engrossando logo essa sua voz imoral; tirando logo essa maquiagem que me ofende a vista; cortando logo essas unhas e vestindo umas roupas decentes?

— Pra fazer de conta que sou homem?

— Para o quê?! — e Mateus juntou as mãos, chacoalhando-as e olhando para o céu — Essa não! — Depois, de olhos fechados, disse — Eu, eu não tolero discutir coisas sérias com... com um andrógino, Lucas!

As cores de Marcos se encresparam:

— E nem eu com um velho cretino como você! — e, veemente — Mas por infelicidade estamos numa situação tão crítica, que na face deste planeta, que está se transformando num lixo, não se encontra nada a não ser aleijões neuróticos iguais a João, doidos-varridos recém-saídos da colônia, como Lucas, “andróginos”, como eu, e velhos “heróis”, de ventres folotes e tetas caídas, como vo-cê. (Mateus quis crescer para replicar, porém Marcos eriçou o indicador para ele e aumentou a intensidade, a fúria e o nervosismo da fala:) Cale-se, sente-se e coopere como puder para que provoquemos a existência, neste asilo de loucos indigentes, de pelo menos *um* ser que tenha juízo! — voltou-se para Lucas, dizendo numa imitação debochada — “E *a minha* angústia?”, diz ele, “E *o meu* desespero?”. O mundo inteiro fodido e me vem esse bestalhão à beira da cova me gritar nos ouvidos: “E *a minha* angústia? E *o meu* desespero?”. Porra, velho!: olha para os parques infantis da puta dessa tua Jerusalém! (e gritou, chacoalhando as mãos coloridas para a cidade:) Olha para aquelas crianças carregando águias romanas de brinquedo, com a efígie de Tibério nas camisas, e lendo estórias em quadrinhos de heróis romanos!

Mateus deu um murro na palma da mão esquerda, que abocanhou a direita, e apertou-a com ódio:

— Lucas!! e eu tenho de agüentar esse... esse... espécime romano?! (sentou-se e colocou as mãos na cabeça) Deus

do céu! (e disparou a falar, rancoroso) Por que o diabo de uma virgem não pára logo de menstruar e não nasce de uma vez por todas um pirralho de carne e osso, com diarréias, sarampos, gripes e cataporas e não nos salva — e gritou — *deste inferno?*

**2** — MAS VEJAM! — disse-lhes Lucas de repente — É o Salvador, que finalmente chega! — Os três se voltaram e compreenderam de imediato a que era que Lucas se referia: por trás dos rolos de fumaça que subiam da névoa suja em que Jerusalém jazia imersa, viram a constelação de Virgem. E, de fato: ela se alçara ao céu de um tal modo que, quando em seguida o sol começou a nascer, pareceu sair de sua parte inferior, como num parto. Um grito lancinante de locomotiva soou no meio do labirinto velado e a cidade tornou a existir completamente para Mateus só naquele instante, saída do esquecimento, num estrondo reinicial. E enquanto ela despertava com os sons cinzentos que se seguiram — das sirenes de refinarias, metalúrgicas, siderúrgicas — sobrepondo-se uns aos outros em camadas que foram se engrossando à medida que o sol se erguia com lentidão — o velho começou a sentir os borrões de uma estranha dor de cabeça. Na Avenida do Libertador, o grande cartaz vermelho — onde o perfil de Tibério refulgia junto de símbolos de progresso na indústria e comércio, ao lado da legenda PAX ROMANA — começou a escurecer. E Mateus se viu como que dentro de um filme branco-e-preto muito ampliado, cheio de fatos já ocorridos, de pessoas agora já mortas e de aparelhos muito antes da destruição.

Ao súbito alarido que se fez em seguida, num outro presente ressurgido com as cores que voltavam, os quatro se ergueram ágeis, do sono, apesar da grande velhice que agora possuíam. Quando se aproximaram das cortinas das janelas viram, apavorados, os aríetes e scorpiones de Vespasiano, que começavam a destruição de Jerusalém sitiada pela Quinta Macedônica, a Décima Fretensis, a Décima-Segunda Fulminata e a Décima-

-Quinta Apollinaris, com tropas auxiliares fornecidas pela Síria e pelos árabes. Mateus se lembrou bem da data: eram as vésperas da Páscoa, numa noite dali a trinta e sete anos. Abriu de vez a cortina, a tempo de ver um bloco luminescente subir solto de além das muralhas, cruzar, iluminando, os vãos entre os prédios às escuras e golpear com uma explosão estúpida uma das paredes do Templo. O sol cercava-se de auréolas apavorantes, fechando-se em círculos ultravioletas, auroras e crepúsculos infravermelhos, o calor produzindo raios e trovões em seco, enquanto o cerco se fechava mais e mais. Três novos blocos luminosos surgiram no ar e os quatro evangelistas se apegaram às paredes: na janela do outro lado um outro bloco já surpreendentemente próximo crescia à toda velocidade, girando vagarosamente as arestas sobre si mesmo. Aquilo passou enorme junto do edifício e uma tremenda explosão ergueu, descarrilando, torcendo e arrebetando a gare e os ferros dos trens. Uma locomotiva (eles assistiram a isso!) estuporou com a caldeira rasgada em um bocarêu de fogo sonoro, e a luz e a espessa fumaça se espalharam com os cacos de escombros. Mas Lucas continuava a dizer empolgado, no teatro, quase quarenta anos antes:

— E é aqui, meus caros, aqui, mais do que em qualquer outro lugar do mundo, que todos esperam que essa Virgem dê à luz o Salvador.

Mateus voltou a ouvir os normais estrondos dos encontros de vagões distantes em manobras, o corrosivo ruído das serras elétricas e as marteladas dentro de ecos larguíssimos no vale, misturadas à voz de Lucas, que acrescentava enfático, secreto, subversivo:

— E foi justamente para dar ao Homem esse Sol, meus amigos, que lhe desapareceu no mundo inteiro desde a implantação do imperialismo romano... que eu lhes chamei! Mateus: lembra-se do que disse o profeta Isaías, sobre a vinda do Messias, utilizando uma linguagem digna de um astrólogo?: Este Povo, Que Andava Nas Trevas, Viu Uma Grande Luz. E Aos Que Habitavam Na Região Da Sombra Da Morte, Lhes Nasceu O Dia!

**3** Correu os olhos pelo que pôde ver de João, Mateus e Marcos nos fragmentos da claridade, afastou-se deles um pouco e se dirigiu ao zodíaco que encontrara desenhado em cores, na pedra do cenário. Botou a mão espalmada no planisfério e começou, entusiasmado:

— Vamos lá, meus amigos: este aqui é o mapa do céu como o vimos nesta meia-noite de vinte e quatro para vinte e cinco de dezembro — olhou de relance para as sombras finas que os mamilos de Marcos lançavam, cruzando o peito depilado, e para a sombra larga e luminosa do medalhão de água-marinha na sua roupa amarela — Hoje, como vocês devem saber, é o dia do nascimento de Hórus, chamado pelos seus adoradores no Egito de “O Sol da Justiça”. É também o dia do nascimento de Osíris, o divino filho da Santa Virgem Neith. E de Hércules, filho de Júpiter com a mortal Alcmena. E de Adônis, de Baco, etc, etc, etc. Este é o dia em que os persas acreditam que Mitra nasce. E em que os romanos, influenciados por eles, comemoram o Natal do Sol Invicto. Agora observem o porquê disso tudo. Olhem bem: Esta é a data do Solstício de Inverno. Isto é: o Sol, hoje, aparece de volta, depois de um longo inverno, para nos salvar do Mal e das Trevas. E vejam quem, nesta data, preside o céu, apesar de ter seu signo em setembro: a Virgem, aqui representada conforme as esferas pérsicas de Aben Esra e de Abulmazar: ela, com um menino em seus braços. É a mesma Virgem-Mãe que para os romanos, por exemplo, é Ceres, a deusa das searas. E para os gregos ela é Demeter, a personificação da Terra e das forças produtivas da Natureza. Aliás isso me vem lembrar Isaías (Note como isso é curioso, Mateus:) “Abra-se a terra... e brote o Salvador”. Não é interessante? Agora: eu acho que seria fácil demais concluir que esses mitos foram copiados uns dos outros. E mesmo que o tenham sido: o que ocorre — no meu entender — é que eles condensam — essa é que é a palavra — eles *condensam* as experiências pelas quais todos os seres humanos passam. — Na verdade — João disse — Nós todos somos filhos dessa virgem-mãe Terra e do Sol. — Agora — Lucas continuou, satisfeito — Reparem só no que a Virgem tem aqui, a seus pés: a constelação de

Serpente, que em grego tem o mesmo nome que Dragão, e que parece persegui-la, para lhe tomar o filho. É essa mesma serpente que persegue o calcanhar de Eva. É essa mesma serpente que tenta matar o menino Hércules no berço. Bem. Na maioria dos mitos, no entanto, a aplicação dessa figura vem menos ao pé da letra. O Dragão, a Serpente, é um homem poderoso e mau. E sempre a criança escapa, porque, como vocês podem verificar no zodíaco, à frente da Virgem há um espaço sem estrelas, que se torna no deserto ou num recanto qualquer sem perigo, um refúgio, para onde ela foge, ou faz o menino escapar. E A RAINHA, HORRORIZADA COM A REVELAÇÃO DO ESPELHO MÁGICO, CHAMOU O CAÇADOR E DISSE: LEVE ESSA MENINA PARA A FLORESTA E MATE-A. O HOMEM OBEDECEU. LEVOU BRANCA DE NEVE PARA A FLORESTA. MAS BRANCA DE NEVE ERA TÃO LINDA QUE O CAÇADOR TEVE PENA E MANDOU: FOGUE, MENINA. VAI PARA BEM LONGE, QUE A RAINHA É MUITO MÁ. E há três mil e quinhentos anos, o tirano Kansa, de Madura, ao oriente da Índia, soube que perderia o trono para uma criança que fora anunciada pelo próprio deus Vichnu à mãe de sua sobrinha Devanaguy. Seria Krishna, o salvador vaticinado pelos livros sagrados como o Atharva, os Vedangas, o Vedanta. E Kansa, então, prende a Virgem numa torre de bronze, para que não tenha contato com homem nenhum. Mas Vichnu, como flecha no momento do disparo, some-se do lado de fora da torre e, como flecha quando se encrava no alvo, re-existiu-se de novo do lado de dentro da prisão, deixando-se encher de sangue por todos os vasos — como uma borboleta recém-saída do casulo, desembrulhando as asas. Devanaguy foi ofuscada pelo Espírito e concebeu. Uma ventania derrubou o muro do calabouço e ela se alçou com o menino e foi transportada por um mensageiro de Vichnu até à cabana do pastor Nanda. Diante da criança, todos os pobres, emaranhados de veias, rugas, cabelos e pêlos, clavículas quase que como cabides, caíram de joelhos, sentindo-se gordos, cevados e salvos!: Há um hino em louvor a Krishna que diz: “Este é quem nos libertará. Este é quem ressuscita



os mortos, cura os surdos, cegos, paráliticos e coxos. Ele é quem apóia os fracos contra os fortes, os oprimidos contra os opressores. Ele é verdadeiramente o Salvador prometido a nossos pais".

[ E VIU-SE UM GRANDE SINAL NO CÉU — João escreveu no "Apocalipse" — UMA MULHER VESTIDA DE SOL, TENDO A LUA DEBAIXO DOS PÉS, E UMA COROA DE DOZE ESTRELAS SOBRE SUA CABEÇA. E ESTAVA GRÁVIDA, E COM DORES DE PARTO, E GRITAVA COM ÂNSIAS DE DAR À LUZ. E VIU-SE OUTRO SINAL NO CÉU: E EIS QUE ERA UM GRANDE DRAGÃO VERMELHO, QUE TINHA SETE CABEÇAS E DEZ CHIFRES. O DRAGÃO PAROU DIANTE DA MULHER QUE HAVIA DE DAR À LUZ, PARA QUE, DANDO ELA À LUZ, LHE TRAGASSE O FILHO. E DEU À LUZ UM FILHO, UM VARÃO QUE HÁ DE REGER TODAS AS NAÇÕES COM VARA DE FERRO. E SEU FILHO FOI ARREBATADO PARA DEUS, E PARA O SEU TRONO. E A MULHER FUGIU PARA O DESERTO, ONDE TINHA UM RETIRO. ] Curioso — disse João — Isso que se passou com Devanaguy foi o mesmo que se deu com Dânae, dos gregos: diz-se que ela era filha do Rei Acrísio e que o oráculo predissera, como no caso de Krishna, que ela, mesmo virgem, daria à luz um filho que haveria de matar o avô e de se apoderar do trono de Argos. Acrísio também a prende numa torre de bronze. Como no caso de Krishna, isso também nada resolve, é claro, pois Zeus penetra na torre com a forma de uma chuva de ouro e, da união que aí se dá, nasce Perseu. Não é fantástico, Marcos? ]

[ LUCAS DEU DOIS PASSOS NO COTURNO, ARREBANHOU AS ROUPAS E, COM A MÁSCARA DE ÉDIPO, NO TEATRO DE EPIDAURO, DISSE AO VELHO À SUA FRENTE: "Tu és um homem morto se eu tiver de repetir essa pergunta!" E O SERVO LHE RESPONDEU: "Pois bem! Aquele menino (que eras tu mesmo) nasceu no palácio de Laio. Diziam que era filho dele próprio. Mas aquela que está no interior desse mesmo palácio, tua esposa, é quem melhor poderá dizer a verdade." E ÉDIPO DISSE,

INTRIGADO: “Foi ela quem te entregou a criança?!” “Sim, rei.” “E para quê?!” “Para que eu a deixasse morrer.” “Jocasta fez isso?” “Fez, temendo a realização de oráculos terríveis.” “Quais oráculos?” “Senhor: aquele menino deveria matar o pai.” “E por que motivo resolveste entregá-lo a outra pessoa?” “Tive pena, senhor! Pensei que se este homem a quem o entreguei o levasse para sua terra, para um país bem distante... tudo se corrigiria...”

JÁ O AGNI-PURANA — disse Lucas — profetizou a vinda de outro espírito de retidão e justiça, com o nome de Saliva-Hana. Uma virgem teria um menino que colocaria fim ao reinado de Vicramadytia, conforme confirmou a deusa Kali ao tirano. E diz-se que quando isso aconteceu, por causa de ter sido suspeitada a virtude dessa donzela, veio do céu o coro dos Devas, descendo sobre a terra, adorando o menino, enquanto chuvas de flores caíam do alto.

E O SÁBIO ASITA, QUANDO BUDA NASCEU, VIU, NO CÉU, DE SUA CASA NOS HIMALAYAS, ALGUNS DEUSES CELEBRANDO O NASCIMENTO DO MENINO ENTRE OS SAKYAS. E Marcos retrocedeu a Roma e reviu — com as mesmas falhas de memória que ocorrem na História, o teatro que apresentava o “Anfitrião”, de Plauto: os atores numa luz granulada e pouco segura, o “Júpiter” descendo, como os Devas do mito de Saliva-Hana, e dizendo ao falso pai de Hércules que Alcmena, sua mulher, não merecia o seu desprezo, pois que fora obrigada pela sua força que se entregara a ele, o deus supremo. Marcos se prometeu lembrar disso depois, já que Lucas ainda falava: “O pai de Saliva-Hana era carpinteiro”. DEUS FALOU A GOSURVAN QUE IRIA FAZER SURGIR AQUELE QUE HAVERIA DE SALVAR TODAS AS CRIATURAS. E CONTA-SE QUE DISSO RESULTOU QUE UM RAIOS DE GLÓRIA DIVINA PENETROU NO VENTRE DA VIRGEM DUZDHOVA E ELA CONCEBEU ZOROASTRO. O ZEND-AVESTA AVISARA: “ASSIM QUE VIRDES ESSA ESTRELA QUE VOS TENHO DITO, TOMAI-A POR GUIA. ELA VOS CONDUZIRÁ AO LUGAR ONDE ELE NASCEU. ADORAI-O E OFERTAI-LHE PRESENTES”. O CHEFE DOS MAGOS, ENTRE-

TANTO, DUROSAN, SABENDO QUE A CRIANÇA,  
QUANDO CRESCESSE, IRIA DESTRUIR A MAGIA E A  
IDOLATRIA, SE DISPÓS A PERSEGUI-LA.

---

— E por aí vai — disse Lucas, seus olhos verdes brilhando — Ah: voltando a Krishna: o tio dele, o tirano Kansa, ao saber que ele nascera e escapara, encolerizou-se tanto que ordenou o massacre de todos os inocentes, para que, por essas e por aquelas, o pirralho não sobrevivesse. Com Saliva-Hana se dá o mesmo: o tirano Vicramadytia levanta um exército a fim de exterminá-lo.

E prosseguiu, mais cauteloso:

— Aliás, temos um precedente dessa adaptação do zodíaco nas Escrituras mesmo. O que é que você acha, Mateus, de o faraó ordenar que todos os meninos hebreus fossem lançados no rio e de só escapar Moisés?

O judeu reagiu assustando os outros, inspirando fundo e de olhos arregalados, rugindo vermelho e berrando:

— Luuucas?: você está insinuando que Moisés também é uma fábula baseada no zodíaco?!!!

Lucas, vendo-se na iminência de ser brutalizado, recuou com tal rapidez, que sua posição anterior ficou ainda por um momento recuando no ar, enquanto já apontava rápido e ríspido para o zodíaco, fazendo mira nele como se lhe fosse disparar uma bala:

— Mateus! — berrou — o que é que te lembra aquela constelação do Navio ou Arca, com a da Pomba e a do Corvo ao redor?

Isso bastou para que o velho se voltasse, deparando-se com a verdade, que recebeu como um tiro no meio da testa, Lucas gritando-lhe:

— É Noé, Mateus, com a arca, o corvo e a pomba de sua fábula!!! Agora me diga o que é que lhe recorda aquela outra constelação em Peixes, que é a da baleia, parecendo vo-mi-tar o símbolo de herói mítico solar, que é o cordeiro de Áries?

A mente de Mateus foi bloqueada pela imagem de Jonas saindo da boca do grande peixe. Marcos levantou-se colorido, entregue a uma gargalhada exagerada, o que fez Mateus dizer-lhe enraivecido:

— Pare com isso!

João se apoiou na muleta, mancou em direção de Lucas, sentindo uma pena tremenda do parrudo mas pobre e velho judeu, por vê-lo aturdido com o resto de informações desen-calacrantes que Lucas continuou a enxurrar:

— O verdadeiro nome de Moisés é Febo, Mateus. É assim que os teus conterrâneos da Massora, a Grande Tradição, o chamam, alegando que a tradução feita para o grego está er-ra-da!

— Febo?! — disse João, assombrado.

— Ele mesmo: o sol, sem tirar nem pôr. O mesmo Apolo dos romanos, hein Marcos?

O judeu berrou:

— Você está é maluco!

— Não acredito — disse Lucas, muito sério — Moisés atacou um egípcio do (dragão) faraó e fugiu para o sogro Jetro, a quem serviu como pastor, não foi?

— De fato — disse Marcos, impressionado — com Apolo se dá o mesmo: ele mata o dragão e foge para o sogro Admeto, para o qual se torna pastor.

— E os judeus da Massora, Mateus — frisou Lucas — dizem que o verdadeiro nome de Jetro é justamente esse: Admeto, o do sogro de Apolo.

— Blasfêmia! — berrou o velho, sentindo, em seguida, de sólidos, somente as unhas encravadas no próprio crânio, ouvindo Lucas dizer que as estórias de ambos se tocavam tanto porque procediam do mesmo reino mítico. Em seguida, não suportando mais nada, Mateus se voltou para a saída, rugindo Vou-me Embora Daqui!, ao que Lucas tomou a muleta de João pela ponteira, semicirculou-a reluzente sobre a cabeça e recuou-a, envergando-se para trás e gritando: Pa-reee!!!, com o que Mateus estacou, o cangote encolhido, as mãos abertas, ouvindo Mais Um Passo E Eu Te Arrebento!!!

João vacilava, sem apoio. E Marcos, aterrorizado, implorou:

— L-lucas!

— Cala a boca: o Cristo precisa desse imbecil para vir ao mundo — e, dirigindo-se a Mateus — Pensa que eu vou deixá-lo ir-se assim, sem mais nem menos e contar a quem quer que seja o que estamos planejando aqui? Será possível que ainda não atinou que com todo esse tempo que lhe conheço eu não iria arrasar assim com a sua fé, se não soubesse o quanto ela já anda enfraquecida, seu porra?

**4** TRINTA E TRÊS ANOS ANTES, debaixo da sombria alaranjada / que dividia a luz do sol em gomos / a mulher de Mateus ostentava / a grande esfera do abdome. Junto dela, ele, com a máscara nos olhos, feita pela sombra do chapéu e pelos mistérios da clandestinidade: o sorriso incerto — o paletó e a gravata — os vincos de zinco, sapatos brancos. O casal junto da moto roubada do Império Romano, os bolsões do bagageiro cheios de balas. Sobre o assento, a metralhadora Ina. E Sara se aproximou de Mateus, reclamando seus velhos versos a respeito dos lírios do campo ou de rosas de Sharon — e ele lhe respondia que não mais os faria / enquanto não fosse feita a necrose / das lagartas dos tanques romanos / ocupadas com a necrose.

Ele ainda era muito moço.

E os dois deixaram a moto e passearam para longe, à pé na luz florida, até se sumirem lá onde os campos começam a perder os amarelos que os verdes contêm e se tornam azuis.

À margem do rio ele se sentou na grama, perto d'água, Sara perto dele, entre florinhas, ela / bela como Vivien Leigh / de O Vento Levou / e ele belo, moço e de chapéu / com um quê de Gary Cooper e de Carlos Gardel. E Gary Gardel, embora fascinado pela Vivien Levou, em lugar de cantar um tango, começou a solfejar La Habanera da Carmem, a boca se movendo numa metralha monossilábica,

enquanto sua mão traçava repetidamente meios sinais da cruz no ar, dando tapas no caderno colocado nos joelhos dela, as folhas todas pintadinhas, cheias de cerquinhas e bandeirolas, ele interpretando aquela (para ela) ruma de hieróglifos, cachos de fusas, pencas de semifusas ultraconfusas como a vida dele — raízes cúbicas e quadradas, senos e co-senos, trigonometria de sons. Sara sorrindo, fazendo um dueto todo errado com ele, tricotando com igual virtuosismo e numa tal algaravia de trejeitos nos dedos, que os fios vindos de seu pescoço, num passe de mágica, se entrelaçavam e fugiam deles sobre o ventre messiânico, em forma de sapatinhos de lã. E ela tricotando e Mateus solfejando, construía o globo geodésico perfeito, em que a criança boiava dentro, protegida.

Mas a bomba explodiu rugindo escura e subiu ruiva e Mateus foi atirado de braços abertos e o caderno esfacelando-se voou aos pedaços no ar.

...

...E entre os esgares de fumaça se desfazendo, Mateus, arrastando-se depois entre as listras de sangue, viu, meio louco, a sua Sara se movendo antigravitacionalmente nágua, com as formas ondulando sob a luz intensa, os seios como que dois sacos de leite muito cheios, a ogiva do ventre aberta e Sara, Nave-Mãe, com a testa se despregando da cabeça e outra testa lhe surgindo boiando no lugar de outra testa / e se despre- gando, Sara flutuando leve e cheia / a um metro e quê de sua lenta sombra imóvel no fundo, o sangue descendo em nuvens de um vermelho fosco — e o ventre como um quebra-cabeças de vermelhões e cinzas, o feto um fruto arrebetado no meio de uma flor rasgada.

“Jeová”, Mateus gemeu, perdendo os sentidos no meio da poça de sangue, no que o dragão que de tal maneira o ferira rugiu, enrolando a cauda enorme pela terça parte das riquezas da Judéia, saindo das trevas entre canhões e mísseis, setas e balistas, catapultas romanas. Herodes, numa ruma de brilhos de lesmas, pedras e ventosas, envolvido em massas de

panos espessos, seus punhos grossos se carregando mais e mais de crimes duros, ele derramando as palavras cheias de borrões azuis e roxos, visguntas, a cauda serpenteando diante dos pés do então Imperador Augusto, a quem tecia os maiores elogios / enquanto remendava os rasgos de coragem / do bravo povo judeu. E o Imperador resmungava, com nojo, que preferia ser um porco a ser um filho de Herodes, porque o via mascando entre babas sangrentas e impregnadas de merda mole os próprios filhos Alexandre, Aristóbulo e Antipas; espremendo nas garras, até o espirro de vísceras nas paredes, os dois maridos de sua irmã Salomé; rasgando com as unhas e presas o ventre de sua mulher Mariame e o de sua sogra Alexandra; e rugindo o fogo imundo de sua boca fedorenta nos dois sábios judeus, Jehuda ben Sarifa e Matatias ben Margolot, por terem arrancado as águias romanas da porta do Templo. E durante trinta e seis anos torturando e retorcendo a Judéia que não passou, durante todo aquele tempo, um dia sequer sem, pelo menos, uma execução.

**5** — Escute, meu querido — disse Lucas ao velho Mateus, no teatro, procurando arrefecer-se — Não vamos derramar vinho novinho em odres podres. Preste atenção: Olhe: Sargão I, Rei de Sumer e de Acad, há mais de dois mil e quinhentos anos, muito antes, portanto, da época do teu Moisés, já escrevera, num tijolinho de barro, que a mãe dele, uma vestal, o concebera e o dera à luz secretamente e que o depositara *numa cesta de junco e asfalto*, à beira do Eufrates. Isso quer dizer que a estória de Moisés num cestinho betumado não é nova. E se isso não lhe basta, conto-lhe que, antes de Sargão, já se lia no Mahabharata, na Índia, que Kunti, ou Pritha, a filha de um rei, fora amada pelo deus Sol, que lhe dera um filho, *que também foi colocado numa cesta de vime estancado*, no Rio Asva, afluindo depois para o Ganges, onde foi recolhido, cresceu e se tornou um chefe tão poderoso quanto o teu Moisés e foi chamado Kama.

E João viu (como que numa radiofoto, de tão lusco-fusco), o ator cujo rosto, por trás da máscara de Mercúrio, dizia (num som gasto e distante, de grammophone), o prólogo do “Íon”, de Eurípedes:

— “. . . havia uma cidade grega, chamada Atenas, onde Febo, o Sol, possuía à força a filha de Erecteu, chamada Creusa.”

E ela escondera do rei, seu pai, a carga do ventre, até que, a seu tempo, deu à luz um menino em seu palácio, e o levou à mesma gruta (“Ora, gruta!”, João pensou, “como no nascimento de Mercúrio mesmo; como no de Júpiter, como no de Mitra!”) e Creusa levou o menino à mesma gruta onde o concebera, expondo-o à morte num cestinho redondo.

— E em Roma — disse Lucas — taí o Marcos que não me deixa mentir sozinho, conta-se sobre os fundadores gêmeos da cidade a mesmíssima estória!

:o tirano Amúlio saiu da treva, numa ruma de brilhos, massas de panos espessos, verdes e lilases, poderoso. Temia descendentes reais. E Réia Sílvia, sua sobrinha e filha de Númitor, rei de Alba, entretanto, era uma possibilidade para que isso ocorresse. A boca de Amúlio, então, cheia de borrões, bramiu. Seus punhos grossos, cheios de crime, golpearam o braço do trono: “Réia Sílvia será vestal!” Como a mãe de Sargão — disse Marcos. Sim, porque as vestais têm de permanecer virgens. Mas o poeta Ovídio verseja que ela, no entanto, foi amada e fecundada numa espécie de transe onírico pelo deus Marte. E que deu à luz Rômulo e Remo.

E os quatro imaginaram o tirano Amúlio, tomado de fúria, mandando expor os gêmeos no Tibre, dentro de uma cesta. E o Sol, por um momento, se intensificou de tal modo no teatro, em Jerusalém, e no Tibre, em Roma, que os deslumbrou. O romano Marcos se lembrou entusiasmado das sombras das grandes encostas diante de sua cidade fabulosa



metalizada pelo nascer do Sol, depois das chuvas. Roma! Frutos brilhando como se fossem de cobre. Panos luminosos, pesados como bronzes de Rodin, pendurados leves nos varais. E, durante o passeio dos quatro, o vento, no rio, seguro por velames e cordas nos mastros, puxou o barco (e o cesto de vime) para junto dos pássaros, no reflexo imenso do céu. Até que Rômulo e Remo (e Moisés, Kama, Sargão, etc), encailharam numa das margens, dentro do cestinho, e foram salvos.



## O MUNDO MARAVILHOSO DE KRYPTON

Na verdade, o Conselho só tinha fé no seu relógio cósmico.

**UM COMETA GIGANTE PASSARÁ PERTO DE KRYPTON, MAS SEM LHE CAUSAR QUALQUER DANO!**

BILHÕES DE ANOS

Venha, Jor-El! O supercomputador deste relógio predisse que nosso mundo estará a salvo de todos os desastres durante séculos e milênios sem fim!

O relógio está errado! Afirmando que Krypton está condenado! Devemos construir arcas-foguetes para salvar nosso povo e... Uii!...

Ah! Ah! Ah! Estêve lendo histórias de ficção científica, Jor-El! Nosso guarda-robot\* o expulsará do Conselho!

Alvo de zombarias, Jor-El visitou seu irmão Zor-El, também cientista...

Com exceção de você, ninguém acredita em minha advertência, Zor-El!

Então, se não forem construídas arcas do Espaço, todos morreremos quando o dia chegar! (\*)

Ao voltar para casa, Jor-El ainda nutria fraca esperança...

Buuu... Buuu... Não jogue meu cão no Espaço!

Minhas experiências com foguetes podem salvar nosso filho, se ninguém mais puder ser salvo! Usarei Krypto para outro vôo de experiência...

Não chore, Kal-El! Seu cãozinho voltará!

CALENDAR

DA DA DESTROÇÃO

Nota de Redação: Mas um estranho destino permitiu que Zor-El sobrevivesse a catástrofe e bastasse para tornar-se pai de uma menina que também chegou à Terra em segurança... Supermãe, a mãe de Super-Homem!

Mas um meteoro fez com que o foguete se desviasse da órbita... para nunca mais voltar à Krypton!

Oh! O pobre Krypto vagará eternamente pelo Espaço! \*

Já se aproximava a hora fatal, quando Jor-El terminou o foguete que desta vez levaria seu filho como passageiro...

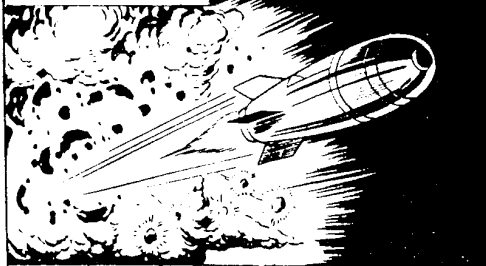
Arremessei o foguete na direção de um planeta habitado que descobri com meu telescópio! Nosso filho terá vida nova na Terra!

Adeus, filhinho! Que os deuses de Krypton o acompanhem!

Edição EXTRA de SUPERMAN ★ Outubro de 1975 ★ Pág. 6

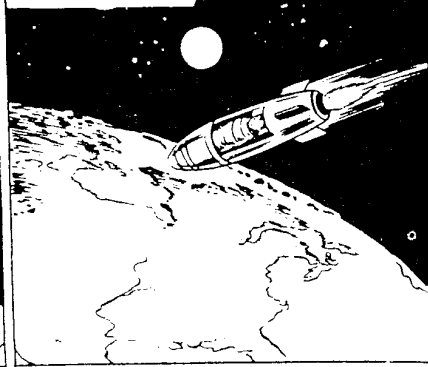
## O MUNDO MARAVILHOSO DE KRYPTON

Mal o foguete partiu, o poderoso Krypton foi arrasado por uma explosão que o reduziu a fragmentos radioativos de cor verde e que, depois, viriam a ser conhecidos como KRYPTONITA.



(1) Nota da Redação: — Mais tarde, grande parte da kryptonita verde passou por uma nuvem cósmica radioativa e se transformou em kryptonita vermelha.

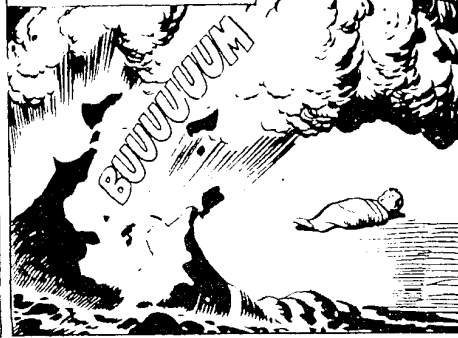
O tempo passou... Por fim, o pequeno chegou ao seu destino: a Terra!



Ao atingir a superfície de nosso planeta, o impacto do foguete atirou longe Kal-El e, apesar da violência, o menino nada sofreu, pois, como viria a ficar provado, todas as pessoas e coisas de Krypton tornavam-se invulneráveis na Terra.



E somente a explosão do supercombustível teve força para destroçar o foguete...



Edição EXTRA de SUPERMAN ★ Outubro de 1975 ★ Pág. 7

Horas mais tarde, Jonathan e Martha Kent, que eram então agricultores na região onde o foguete caiu, passavam a caminho de Pequenoópolis quando encontraram o menino...



Céus! Aquilo só pode ser um navio do Espaço!

Então esta criança deve ser de outro mundo! Oh, se pelo menos tivéssemos um filhinho tão encantador como ele!

Não possuindo filhos, os Kent planejaram logo adotar o enjeitadinho do Espaço e, naquela mesma noite...



Se ficássemos agora com ele, os vizinhos quereriam saber onde o encontramos!

Vamos deixá-lo na porta do Orfanato e, alguns dias depois, voltaremos para solicitar-lhe a doação!

**6** DEUS DO CÉU! (TRANSFIRO ESTA MINHA EXPERIÊNCIA DA INFÂNCIA PARA JOÃO) DEUS DO CÉU! E João, o garoto de muletas, no fundo do quintal, lutava mais o Capitão América e o Fantasma! Era ele e o Mandrake, o Coringa, o Arqueiro Verde, o Super-Homem, o Príncipe Submarino. (EU) João, menino, mais o Batman, o Príncipe Íbis, Tarzã e o Homem Borracha! Todos entranchando pelos canteiros, saltando arriscadamente da amoreira, rolando pela grama de quarar, equilibrando-se por cima do galinheiro, combatendo os legionários de César, de incrível superioridade numérica — pelo jardim e pelos corredores, com Lothar, Narda, Robin, “esmurrando”, “mergulhando”, “flechando”, “atirando”, “hipnotizando”, “voando”: João (e os outros heróis) “lutando contra o Mal!” Ele e a sua solidão povoada de bandidos que eram quase pessoas, desenhos vivos, linhas móveis, ele vivendo num desenho animado. João e suas “personalidades secretas”, máscaras que ele tirava, camisas que ele trocava às pressas, com dificuldade, por causa da muleta, toalhas de banho que ele amarrava ao pescoço, feito capas, metamorfoses fáceis e explosivas. E Marcos agora gritara Porrra, velho!: Olha para aquelas crianças nos parques infantis daquela puta da tua Jerusalém, lendo estórias em quadrinhos de heróis romanos! (EU) João, no quintal, entrou no tanque de lavar roupa, que estava quase cheio e escondeu-se dentro dele, para emboscar os legionários de César, quando, de repente, ficou inquieto de verdade. Olhou à sua volta. Viu os canteiros de flores e de couves — tudo calado. Em seguida olhou para cima — e viu!: os pés ensandalhados de dois soldados romanos de mais de 3 metros de altura, que pulavam o muro em silêncio, para pegá-lo. Viu as armaduras e lâminas e pontas agudas, suas caras olhando-o. Hesitou um pouco entre se aquilo existia realmente ou não, mas, tomado de pavor, se ergueu para fugir, no que danou violentamente as costas na torneira, numa pancada tão estúpida que caiu de joelhos dentro do tanque, engolindo água.

— Até hoje tenho a marca — disse, e virou-se, fazendo descer a túnica pelas costas largas abaixo — Olhem aí: bem no meio da espinha. Roxa. Parece um cacho de uvas.

Ergueu-se de novo, desguiou-se da torneira já segurando a alça da muleta, encaixou-a debaixo do braço e disparou em frente, gesticulando nos impulsos, apesar da dor nas costas e nas pernas, apesar do sangue escorrendo. Mas a porta da cozinha estava fechada por dentro e os romanos tinham acabado de saltar e vinham vindo, devagar, com a solenidade do seu tamanho. João esmurrou a porta gritando “mamãe, mamãe!”, mas ela estava na fábrica. E foi certamente ao voltar-se e ao ver os enormes soldados já se chegando para ele, e ao perceber que estava encurralado, que lhe ocorreu o Capitão Márvel Júnior, “na vida real um jornalista também de muletas, chamado Fred Freeman”. E gritou, aterrado, olhando para eles e para o céu:

— Shazam! — e repetiu — Shazam! Shazam! Shazam! Shazam!

**7** No que os quatro correram, ouvindo a gritaria, o clamor dentro e fora das muralhas, o intolerável fedor de putrefação, as pancadas estapafúrdias nas paredes do Templo. Tudo se juntava num caos incrível. Os homens e mulheres, apinhados lá em cima, berravam desesperadamente com o que viam lá fora. Os blocos se projetavam no céu incendiado e cheio de fumaça negra: nuvens pegavam fogo, chiavam e se enrolavam, recolhendo-se em chamas, provocando os trovões e raios ininterruptos. E a cidade inteira, sob o calor, era uma prisão furiosa. Começou-se a correria sem sentido, o povo apavorado com os próprios uivos, com o terror geral, com o medo das crianças ganindo paradas, desengalhadas dos pais: “Jeovááááá! Jeovááááá!”. Lucas, envelhecido mais do que nunca, gritou para se fazer ouvir: “Meu Deus! mas o que é que está havendo lá fora?” “Ó homens de duro coração!” estrondava a voz de Flávio Josefo, o traidor judeu, a mando de seu messias Vespasiano, para as muralhas. Lucas — e Marcos, João e Mateus, ouviram esse grito no silêncio que se fez repentino, a propósito para que ele fosse ouvido, no quarto dia da marcha de ostentação de todo o exército romano,

o que ocorria desde manhã cedo até depois do pôr-do-sol, em parada impressionante. “Que cidade! Que Templo! Quem se atreveria a entregar tudo isso à destruição?”, Josefo clamava nos microfones, tentando distinguir, na luz negra, uma expressão de desânimo, de entreguismo. No entanto, os rostos, que voltaram a aparecer e que via, mais do que ferro se dissolvendo eram de barro se endurecendo, já rígidos de tensão e decisão. “Existirá alguém capaz de desejar que tudo isso deixe de existir? Haverá coisa mais preciosa para conservar?” E Tito, eqüestre, impacientemente golpeava o chão, ora com uma, ora com outra de suas quatro patas. Crispava o couro, balançava a cauda, centáurico — o cavalo todo teso, certo e suado, como se fosse de bronze ou aço — diante dos milhares de legionários marchando sem parar, num grandioso espetáculo. “Quosque tandem, quosque tandem...”, ruminava. Batalhões blindados e mísseis reluziam na luz que frinchava em todas as direções. “Héi-hei, chá-bum. Héi-hei, chá-bum”. E o povo de Jerusalém, ao ouvir as trombetas se erguerem lá fora, como as de Josué em torno de Jericó, vaiou, apesar da fome, do medo, das diarréias. Nuvens, em circunvoluções apavorantes, traziam trevas que o Sol engolia num hausto, o exército refulgindo lá fora e Jerusalém rugindo ali dentro. Até que Vespasiano decidiu pelo pior. E a cidade (Lucas, Mateus, João e Marcos viam agora), berrava alucinada com o que via das muralhas. Os quatro quiseram correr para lá, mas era impossível, na confusão que havia nas ruas. Foram quase atropelados por escadas, jatos d’água, sirenes e sinos, pelo incêndio que um dos blocos luminosos tinha provocado num beco. Mas avançaram. Um homem de cara bexiguenta apontou para uma moça e gritou: “Vejam o rosto dela! Olhem!” (Os quatro olharam, com todos os outros). “Vejam como está corada!” E, de fato. “Ela está escondendo comida!”, berraram revoltados em volta, se movendo. Lucas viu a moça recuar, a multidão avançando para ela e, sem nada poder fazer, retido pelo atravancamento, presenciou o surgimento de facas, punhais, mãos e olhos, tochas acesas. E se deram sons e visões, atropelos, vozes, cortes, massas, lâmpadas absurdamente brilhantes, nitridos, estrondos, rinchos, rangidos,

choros — chumaços de fogo se acenderam na escuridão de luz — panos — roupas — se dobraram, centuplicaram-se em sombras translúcidas. Círculos lancinantes giraram e negrumes pesados viraram num vórtice. E a moça passou diante dos quatro, morta, levada pelos braços erguidos, sangrando, as coxas abertas, ela toda envolta em berrante confusão de roxos e azuis, sobre a fúria múltipede, múltimana, multicápite. Lucas abriu passagem às cotoveladas e empurrões, enlouquecido, gritando, mas quase não avançava. João, com a mula, foi apertado contra uma parede. Marcos gritou: “Vamos ver o que há lá em cima, lá fora!” “Hein?” Lucas respondeu. E o romano se esgueirou na frente, para uma das escadarias. Lá em cima, quando chegou, recebeu o impacto. Sentindo-se desvairar, segurou a cabeça, voltando-se para João, Lucas e Mateus, que se aproximaram. Encolheu-se em torno do estômago, curvou-se e chorou gritando. Berrava. Uivou também. E os três chegaram aos muros e viram, devastada, a floresta de árvores nuas que havia em redor da cidade e, no lugar dela, quatro mil e quinhentas cruces com judeus que se retorciam entre os pregos, enquanto mais quinhentos deles eram preparados ou já estavam sendo pregados em outras. Ao pé da muralha, milhares de corpos nus, dos que já haviam morrido de fome, de sede, das explosões ou nos combates. O fedor vinha dali. Os quatro, alucinados, olharam em toda a volta. O pandemônio: a cidade! Doidos gargalhavam ou berravam. Cristãos-novos se persignavam e desciam, fazendo profecias, de volta à rua, escadaria abaixo. Alguns judeus se atiravam de cabeça no vazio. A cidade, cada vez mais, se enchia de dançarinos, de deuses, de putas, palhaços, saltimbancos, exorcistas, demônios, acrobatas, heróis, pregadores, e até de Césares.

**8** — MAS O CRISTO REALMENTE *EXISTE!* — Lucas reafirmou angustiado, no teatro, — Mas claro que sim, João! Claro que sim, Mateus!! Ele está no ar, nas constelações, na Terra, *dentro de nós* e nas profecias históricas.

Na expectativa desse povo neurótico. E só o que temos de fazer, diante dessa realidade invisível, é funcionarmos, nós quatro, como raízes de uma planta aquática, que consegue tirar da água sem gosto nem cor nem cheiro, o mel, as cores e o perfume das flores. O que temos de fazer é... *libertar* esse Grande Homem que está dentro de nós, e isso acredito que só a nossa imaginação conseguirá fazê-lo. Olhem (e chamou) Mateus, Mar-côs: cheguem cá (esperou que se juntassem a ele). Prestem bem atenção no que lhes vou dizer. (E explicou:) Olhem: já que estou falando sobre isso a João, gostaria de lhes dizer também: que é importantíssimo, para o nosso trabalho, termos sempre em mente que o que vamos fazer aqui, antes de mais nada, tecnicamente, pelo menos, será. Uma. Obra. De. Arte. A cópia fotográfica disso que estamos chamando de realidade não conseguiria, jamais, eu sei disso, trazer à superfície esse nosso Messias. Ele terá de ser o resultado de nossa disposição à... mediunidade... que foi concedida aos artistas.

— Parece-me que você está certo — disse João, aproximando-se mais com a muleta e parando junto dele (seus olhos agora estavam azulíssimos, Lucas notou): Platão dizia que os poetas são os intermediários entre os deuses e os homens fragmentados, nostálgicos da unidade perdida com o divino.

— Oportuníssima, essa citação — disse Lucas. — Devemos, portanto, proceder como se estivéssemos trabalhando em conjunto em um mesmo monumento a Ele. E quase tudo em sua volta poderá ser falso, como o vento que move as túnicas e peplos das estátuas de bronze. Porque o que temos de nos limitar a fazer é isto: talhá-lo de tal modo, que o vento que *não* o rodeia, *pareça* ser verdadeiro. É como... Olhem: (confessou) Eu já experimentei *ereção* diante de dois mármorems nus que se beijavam como se fossem de carne. Eu já vi Mateus tremer de ódio diante do novo monumento a Tibério, na Praça Roma. É isso. Precisamos construir, produzir um Cristo que provoque milagres, que torne os miseráveis felizes, que dê um sentido aos desnorteados, que baixe a cabeça dos



poderosos. Através de uma obra de arte. Lembrem-se disso. Não vamos fazer História, que não produziria, jamais, esse... essa... criatura fabulosa, pois me parece que nela não se encontraria em seu elemento. No entanto, se soubermos usar a cabeça, a História o assimilará. Porque, vejam bem. Marcos: se você observar com atenção, verá que todas as religiões, sem exceção nenhuma, surgiram de grupos de artistas que, sabendo ou não que o eram, conseguiram, pelo uso de seus dons especiais, se ligarem ao que há de mais profundo em nosso interior.

Levantou-se e começou a subir — seguido por Marcos, João (com dificuldade, por causa de muleta) e, por fim, Mateus, os três vestidos um de amarelo, outro de branco e o terceiro de vermelho — pelos degraus descarnados do enorme pavilhão acústico, da enorme orelha de pedra, voltada para as intrigas e dramas celestes.

— Não foi por acaso que marquei o nosso primeiro encontro para um teatro — observou, parando lá em cima e se voltando um pouco — Vejam como isto aqui é aberto para o espaço exterior, como um radar. E é ali, naquele pequeno palco, que antenas potentes, que são os artistas, expõem todos os dados que os aparelhos mais sofisticados não conseguem assimilar e, através da Arte, nos colocam em sintonia com o Mundo. Ali, todos os termos colhidos são reproduzidos em prosa, gesto, verso: mitificados, simplificados, sintetizados.

Voltou-se para Jerusalém meio afundada no sem-peso da névoa, recebendo a luz clara do sol. A cidade traumatizada, suja, alucinada de trabalho. Tudo concreto, sonoro, pesado e medido.

— Eu tenho para mim... — disse — que Deus se gravou... ou mesmo: que se perdeu no Universo... ao criá-lo... e nos colocou nele, talvez, como agulhas de uma radiola, como Johann Sebastian Bach o foi. Como aquela criança maravilhosa que era Wolfgang Amadeus Mozart o foi. Para revelar-se. Como Ésquilo ao escrever o Prometeu. Como Shakespeare o foi. Querendo revelar-se. E a nossa infelicidade, nossa angústia maior, talvez, nos ocorra quando nós,

principalmente os artistas, não estamos sendo... tão bons espelhos como deveríamos, feitos à sua imagem e semelhança: re-criadores. Porque nós estamos distorcendo tudo, a imagem e o som de Deus. Estamos deformando tudo e nos transformando todos em aleijões. E a Ditadura tem contribuído para isso, pois nos tem fragmentado ainda mais e nos tem feito dispendar tanta energia com o que existe fora de nós, que o que nos ocorre por dentro está sendo completamente negligenciado. Completamente negligenciado.

**COMPLETAMENTE  
NEGLIGENCIADO.**

Wenduir Durant



Deitaram-na dentro de uma urna de vidro, para que a pudessem  
ficar contemplando, e a colocaram no alto de uma montanha. Na frente  
escreveram o nome dela, pondo em seguida: "Filha de um Rei".  
Branca de Neve parecia dormir.

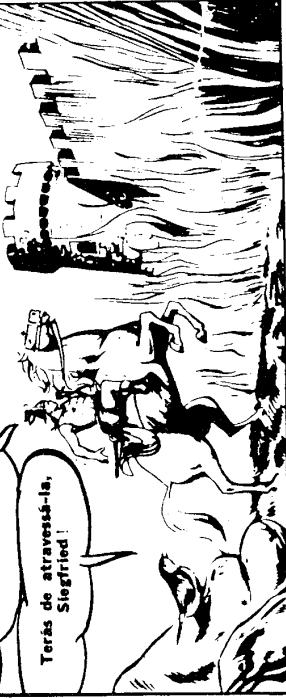
A empresa que Siegfried terá de executar é sobre-humana, porém não impossível para ele.



Ante seus olhos atônitos, se apresenta o mais inaudito espetáculo:

Disseste bem, passarinho.  
A montanha está  
em chamas!

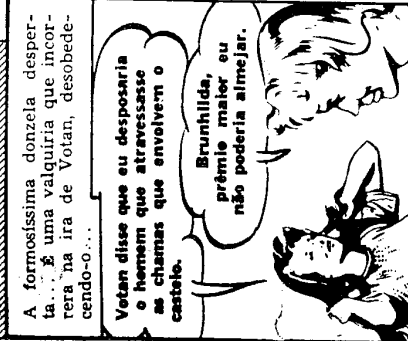
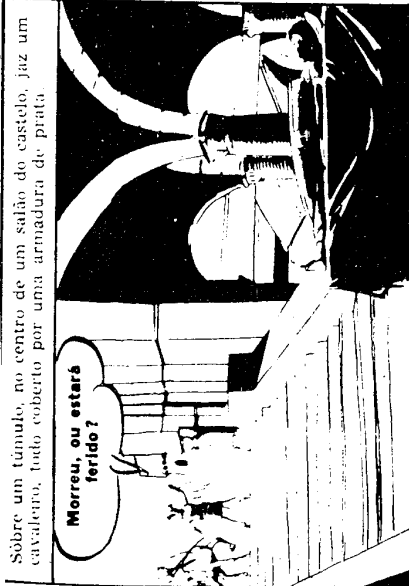
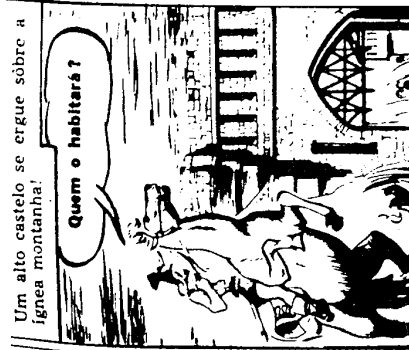
Terás do atravessá-la,  
Siegfried!



O jovem não treme diante do fogo e, sem vacilar, se lança entre as labaredas...



PIRELLA GÖTTSCHE LOWE ROYER & PENN





Wanduir Durant

O Príncipe galopava golpeando os espinheiros com a espada, abrindo passagem para o castelo que percebera de longe. Ao entrar na fortaleza viu, espantado, todo o povo, cavalos e cães daquele estranho reino, transformados em estátuas de pedra.

Mal apeou, foi logo enveredando palácio a dentro, assombrado com toda aquela corte de pedra e sentindo uma curiosidade imensa de ver o Rei, a Rainha e os príncipes daquele lugar.

Foi então que entrou no quarto lindíssimo e estacou, maravilhado, diante da Bela Adormecida, que estava deitada num leito coberto de rosas. Sentiu uma emoção tão grande com sua beleza, que não resistiu e a beijou. Com isso, de repente, o encanto que condenara o castelo a um sono que já durava cem anos, se rompeu e o Príncipe, impressionado, viu a Bela despertar e um murmúrio de renascimento se levantar de todo aquele Reino, como se fosse o amanhecer. E era o dia da Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, por isso os sinos começaram a badalar festivamente.

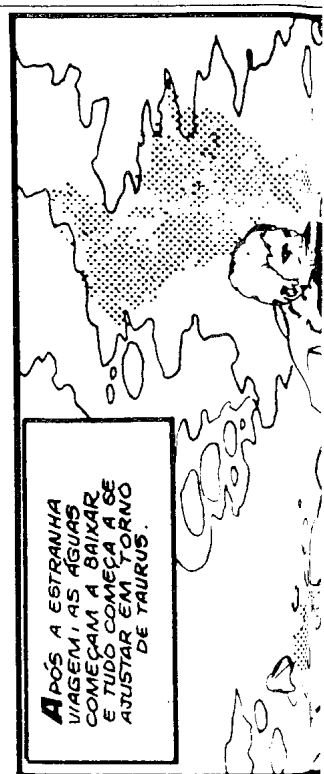
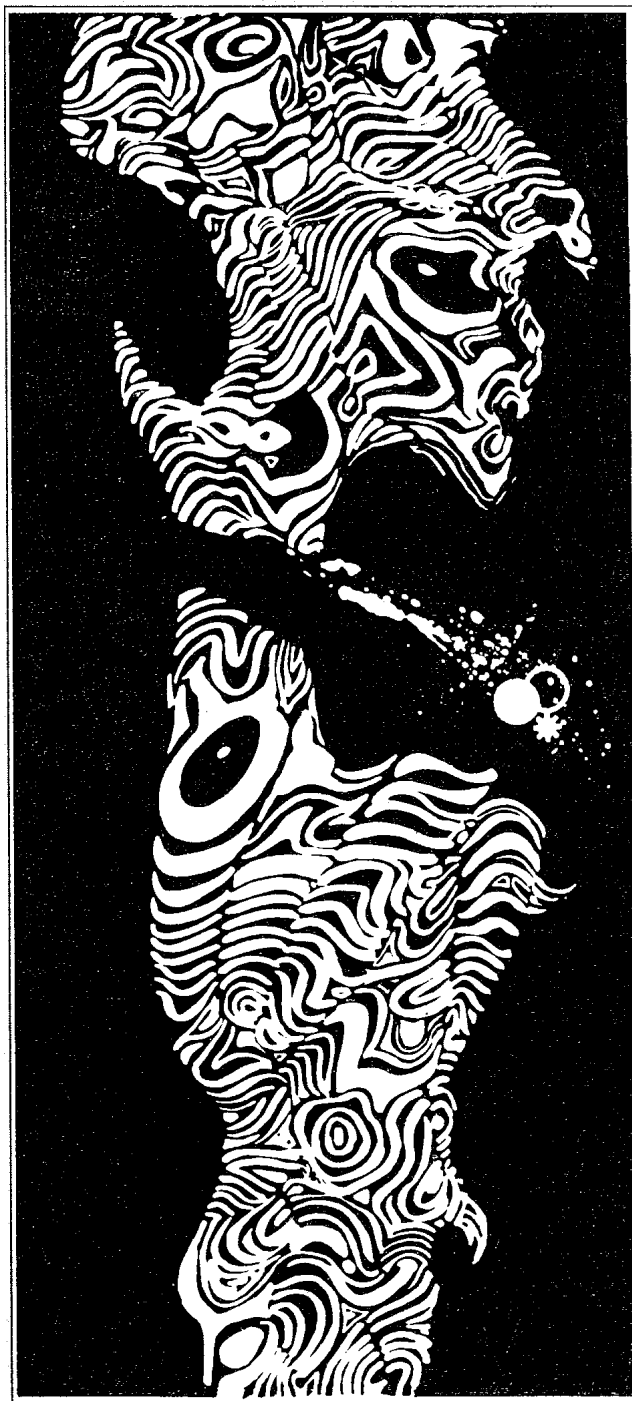
Ali começou um grande amor.

Do casamento do Príncipe e da Bela Adormecida nasceu um casal de gêmeos. O menino foi batizado de Hélio. A menina se chamou Aurora.



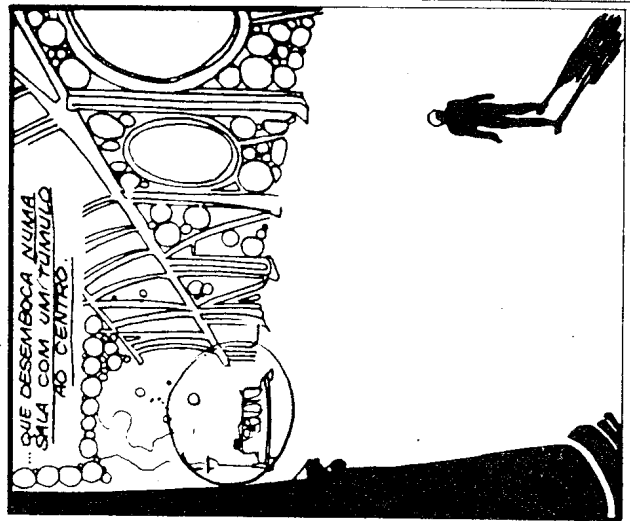
Wanduir Durant



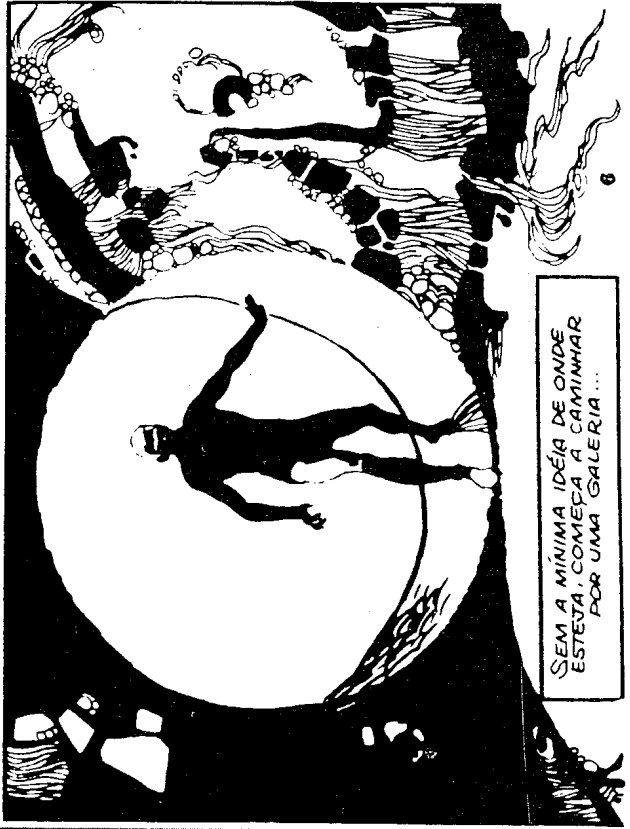




Edição Monumental nº 9



...QUE DESEMBOCA ALGUMA  
SALA COM UM TUMULU  
AO CENTRO.

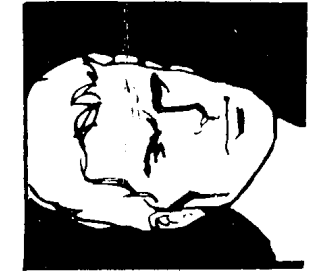


SEM A MÍNIMA IDÉIA DE ONDE  
ESTEVA, COMEÇA A CAMINHAR  
POR UMA GALERIA ...



UMA ATMOSFERA DE IRREALIDADE FLUTUA EM TORNO DE TAJURUS E JAMA LIZ TENNE MOSTRA O CONTO DO DA FIGURA.

ESPERO PODER SAIR DESTA... MAS, ANTES, VEREI QUEM É AQUELA PESSOA!





MAS... SOU EU! MORTO!



NÃO PODE SER!  
ELE SE APERCEBIA  
EXTRAORDINARIA-  
MENTE COMIGO!  
QUEM SERÁ?

Edição Monumental nº 9

Depois:

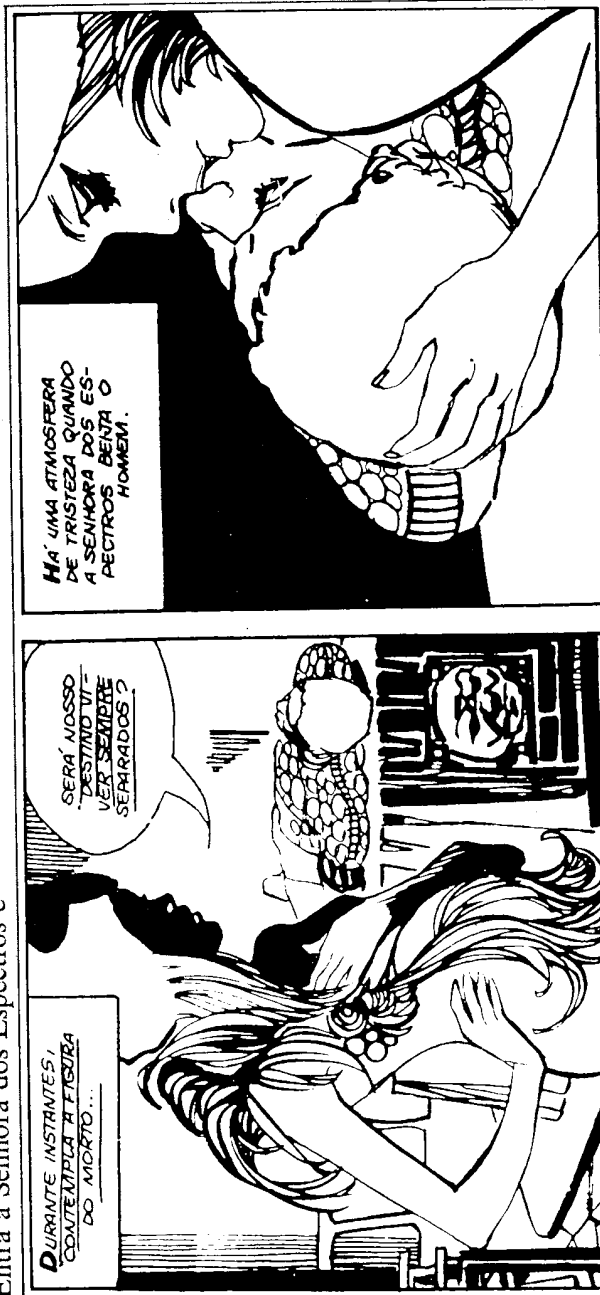




Como se o Cristo, vivo, se pusesse no lugar de Adão, defunto.

45

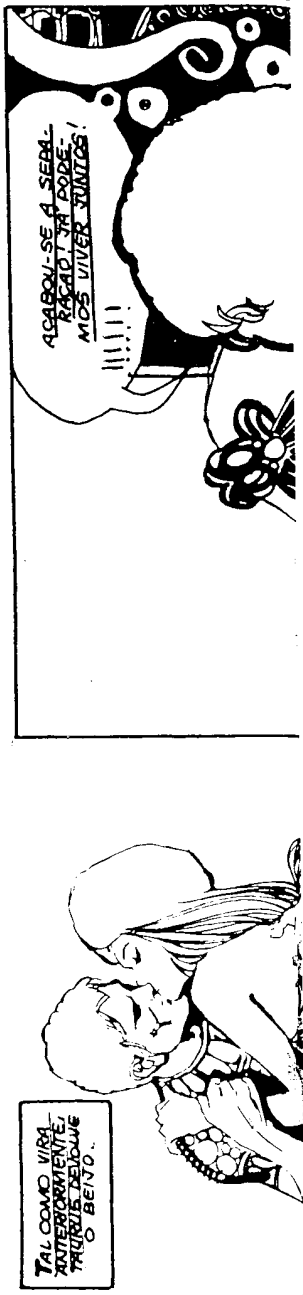
Entra a Senhora dos Espetros e



**D**URANTE INSTANTES,  
CONTEMPLA A FIGURA  
DO MORTO...

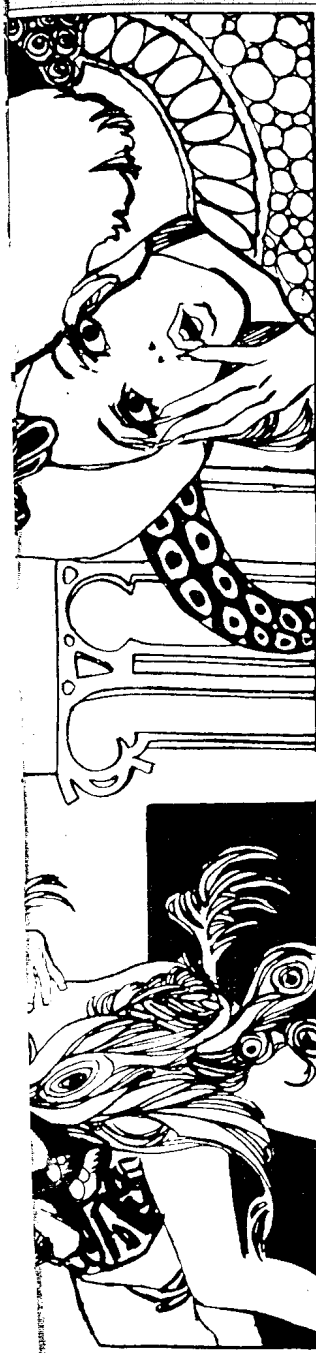
SERÁ NOSSO  
DESTINO VI-  
VER SEMPRE  
SEPARADOS?

HÁ UMA ATMOSFERA  
DE TRISTEZA QUANDO  
A SENHORA DOS ES-  
PECTROS BEIJA O  
HOMEM.



TAL COMO VIRA  
ANTERIORES, MAS  
TRISTE, DESDE  
QUE O BEIJO.

ALGUM-SE A SEB-  
RACAD I NA PODE-  
MOS VIVER JUNTOS!  
!!!!!!



Edição Monumental nº 9



SEMPRE AGREDITE!  
QUEI, PELO PRO-  
CESSO DE HIBER-  
NAÇÃO, CONSE-  
GUARIA RESTABE-  
LECER AS SUAS  
CÉLULAS  
ATINGIDAS.

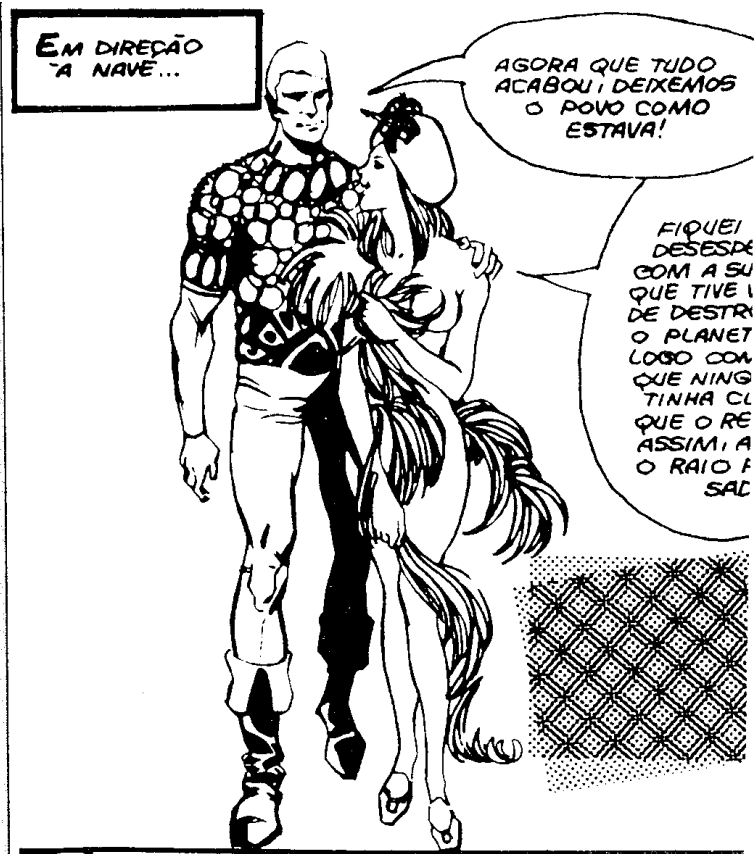
VAMO-NOS  
EMBORA DAQUI!  
O UNIVERSO  
NOS  
ESPERA!

19



NUMA EXPLOÇÃO  
DE GLEBRIA, A  
MULHER O  
ABRAÇA.

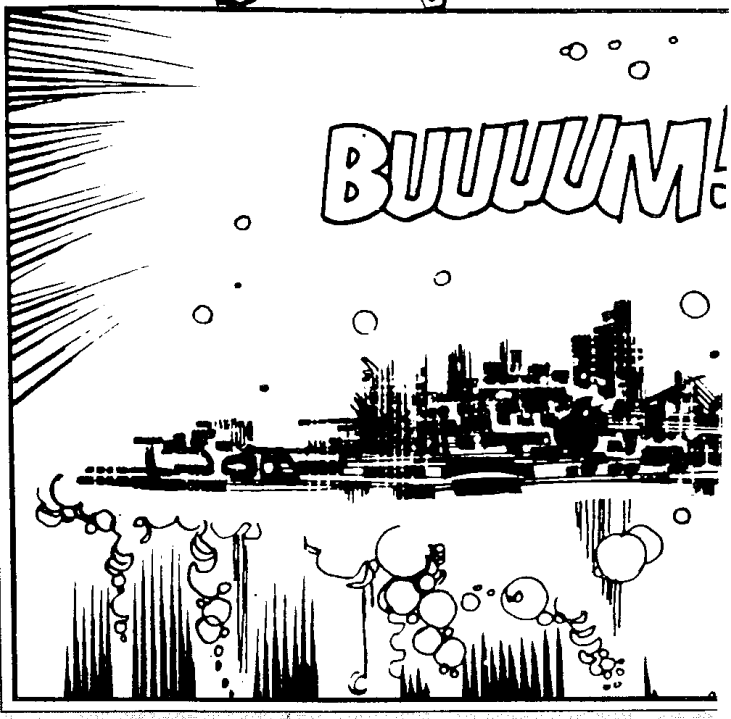




EM DIREÇÃO  
"A NAVE..."

AGORA QUE TUDO  
ACABOU, DEIXEMOS  
O POVO COMO  
ESTAVA!

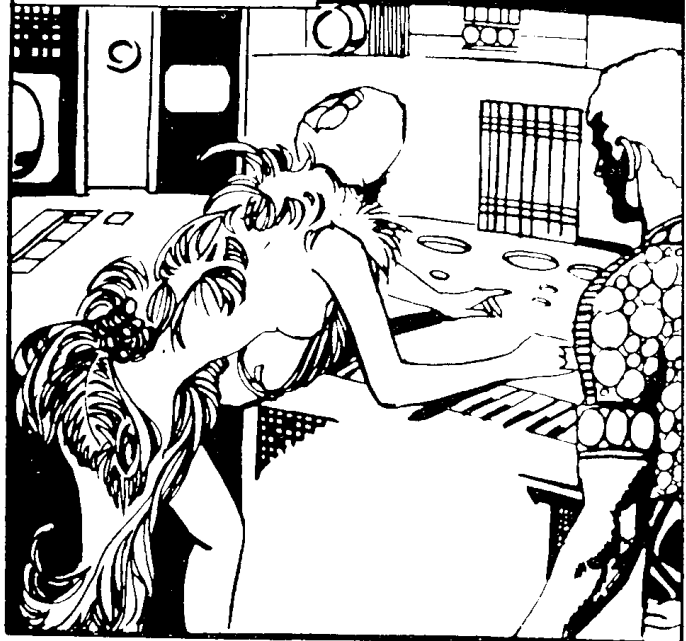
FIQUEI  
DESESDR  
COM A SU  
QUE TIVE  
DE DESTRI  
O PLANET  
LOGO COM  
QUE NING  
TINHA CL  
QUE O RE  
ASSIM, A  
O RAIO F  
SAC



BUUUUM!

NA NAVE, A MULHER  
ACIONA OS CON-  
TROLES.

TÃO  
ERAO  
A NTE  
IONTE  
JIR DO  
A INS  
APBNDI  
UEMAIS  
ILPADO  
I FE  
PLIAY  
PARL  
XOR!



COMO SAÍDOS DE UM PESADELO,  
OS HABITANTES DO QUARTO PLANETA  
DAS PLÉIADES RETORNAM  
A VIDA.

